



Fraternidade Leigos Cavanis
Casa Sagrado Coração, INSTITUTO CAVANIS
Via Col Draga – POSSAGNO (TV)

MOSTEIRO INVISÍVEL

10.2024

Caríssimos amigos!

Estou lendo a extraordinária catequese de Lucas sobre a oração, que o evangelista desenvolve na primeira parte do capítulo 18 do seu Evangelho; inicialmente o texto insiste sobre a necessidade de rezar sempre, sem se cansar, depois parece deslocar-se para o **como** se deve rezar e o faz através de uma estrutura literária antinomiana, típica da cultura sapiencial.

Quando Jesus quer conduzir o discípulo àquele espaço em que se revela a qualidade da relação entre o homem e Deus, ou seja, a oração, não passa a descrever etapas, técnicas, características da oração, mas prefere introduzir uma experiência concreta. Nos são propostos dois modelos (o fariseu e o publicano) cujas ações, paralelamente, se situam em oposição uma à outra. Na conclusão do evangelho, o próprio Jesus oferece a chave para interpretar os dois modelos e reconhecer aquele ao qual se conformar ("Eu vos digo que este, ao contrário do outro, voltou para casa justificado, pois todo aquele que se exalta será humilhado, mas quem se humilha será exaltado").

Na realidade, a oração do fariseu traduz-se numa atitude corporal correta: «de pé» (v. 11), com a cabeça erguida, levanta os braços. Esta é



a posição normal do crente no momento da oração. No entanto, o olhar físico não corresponde ao olhar do coração, o único que, em profundidade, dirige a oração. O coração do fariseu, assim como a sua oração, estão voltados para o seu próprio "eu": o fariseu "ora a si mesmo (lit. 'diante dele')" (v.11). O publicano, por outro lado, está desorientado e confuso no templo: ele é incapaz de assumir o comportamento normal de quem reza; ele quase tem medo de derrubar a barreira que o separa de Deus. Ele está misturado com a terra do seu próprio pecado: por isso, «nem sequer se atreveu a levantar os olhos ao céu» (v. 13). A sua situação existencial coloca-o entre os que estão longe: por isso «detém-se à distância».

O único gesto que ele pode fazer é expressar sua situação de miséria: "batia no peito". Mas o olhar do coração adquire um movimento vertical; a partir da consciência da própria pobreza, o rosto da oração, através do grito, adquire a orientação correta e encontra o olhar de Deus. O fariseu olha para Deus à luz de suas próprias obras e, assim, feliz com o que faz, no final não sente tanto a necessidade de receber algo de Deus; falta, na



oração e na vida deste homem, a mínima consciência da gratuidade de Deus. Pelo contrário, é surpreendente a essencialidade com que o publicano exprime a sua oração: «Ó Deus, tem piedade de mim, pecador» (v. 13). Consciente de ser pecador, sente-se na necessidade de mudança e, acima de tudo, sabe que não pode ambicionar nada de Deus. Ele não tem nada do que se gabar e não tem nada a exigir. Ele só pode pedir. Ele confia em Deus, não em si mesmo. Sou levado a pensar quanto a nossa oração também precisa de autenticidade; quanto deve ser nutrida pela consciência de nossas limitações para apoiar-se na infinita misericórdia de Deus. E acho que esse sentimento deve estar presente em nós não apenas como indivíduos, mas deve ser uma característica distintiva de nosso FLC. Devemos aspirar a fazer da nossa associação um humilde instrumento de comunhão e de oração em apoio da amada Congregação das Escolas de Caridade e para o enraizamento e difusão do carisma educativo de Antônio e Marcos Cavanis.



Do Evangelho segundo Lucas (Lc 18, 9-14)

Naquele tempo, Jesus contou esta parábola para alguns que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros:

“Dois homens subiram ao Templo para rezar: um era fariseu, o outro cobrador de impostos. O fariseu, de pé, rezava assim em seu íntimo: ‘Ó Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como este cobrador de impostos. Eu jejuo duas vezes por semana, e dou o dízimo de toda a minha renda’.

O cobrador de impostos, porém, ficou à distância, e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim que sou pecador!’ Eu vos digo: este último voltou para casa justificado, o outro não. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado”.



Do Estatuto da Fraternidade Leigos Cavanis:

Art. 3º. SANTIFICAÇÃO PESSOAL

1. Os membros da Fraternidade Leigos Cavanis, chamados à vida nova em Cristo pelo Batismo, comprometem-se a "alimentar a vida oculta com Cristo em Deus" (Cl 3,3) para crescer, mediante o exercício do discipulado, até "o estado de homem perfeito, na medida em que convém à plena maturidade de Cristo" (Ef 4,13). Em particular:

- a. dedicando à oração momentos determinados e cotidianos, especialmente garantindo a recitação das Laudes Matutinas e das Vésperas;
- b. lendo com fé os textos sagrados e especialmente o Santo Evangelho de acordo com a prática da "lectio divina";
- c. cuidando fervorosamente da prática sacramental e reservando à Eucaristia – coração e centro da vida cristã – um espaço especial;
- d. praticando, pelo menos semanalmente, a chamada "revisão da vida" para ler quaisquer deficiências à luz do Espírito e intervir para corrigi-las;
- e. esforçando-se para respeitar as leis de Deus, os preceitos da Igreja e seu Magistério.